

RECIFE

Muitos e grandes jornalistas já deu o Recife, mas o jornalista por excelência do Recife é Anibal Fernandes. Não importa que ele seja um homem de cultura, um espírito solicitado por mil atrações diversas, e um jornalista político alerta, preciso e corajoso, limpo de estilo e capaz de arriscar tranqüilamente a vida em defesa da liberdade. Para a sua cidade ele é sobretudo o "Z" de "Cousas da Cidade": nesse recanto humilde de crônica municipal é que, dia após dia, ano após ano, ele exprime seu amor e seu cuidado pela comuna, como seu fiscal, seu amante e seu anjo.

Anibal Fernandes foi meu chefe e mestre no velho "Diário de Pernambuco", já lá se vão uns 17 anos. Recebo agora uma carta sua, naquela letra ágil e aguda como seu próprio estilo, letra a que a passagem dos anos não tirou nem a viveza do movimento nem o avanço ascendente das linhas rápidas. Quer minha fraca ajuda em uma campanha. Não é pelo parlamentarismo nem pela recuperação nacional: é pelo Recife. E isto me honra e desvanece, ser chamado assim, como velho soldado, para lutar por uma causa municipal dessa grande cidade em que vivi tão pouco mas tão intensamente. Envergo minha velha farda de anspeçada, bato continência e fico à sua disposição.

Em coisas do Recife, Anibal sempre tem razão; mas desta vez ele tem razão de um modo simplesmente dramático. Vai ser festejado agora o Tricentenário da Restauração de Pernambuco do domínio holandês, e o governo federal vai abrir uma verba de 20 milhões de cruzeiros para as comemorações. A Prefeitura desapropriou o Sítio Trindade, onde ficava o Arraial do Bom Jesus — uns 10 hectares — e se discute o que fazer com o terreno e o dinheiro; fala-se muito em um parque. Anibal, vigilante, protesta: o Recife precisa, antes de tudo, de um grande Hospital Infantil; de mil crianças que nascem no Recife morrem 300. E' para lutar pela salvação dessa molecada dos mocambos que ele me convoca. De todos os pecados de nossa organização social o mais revoltante, o que não tem perdão diante de nenhuma consciência e de nenhuma sensibilidade é o descaso pela infância. As autoridades não tentam sequer esconder: a "causa-mórtis" principal das crianças entre 0 e 1 ano na cidade do Recife é apenas isto: fome. E no Rio quem for visitar o Hospital Jesus lerá o mesmo diagnóstico naqueles corpinhos mirrados e torcidos, nos olhos cegos, nas costelinhas salientes: fome.

Um Hospital que possa salvar essas crianças e ainda ajudar as mães a salvá-las do pequeno inferno de seu sofrimento sem palavras, uma Casa que seja para essas caboclas do mangue, aflitas com os gemidos de seus curumins descarnados e barrigudos, a Casa da Esperança — não vejo destino melhor para o Arraial do Bom Jesus, nem homenagem maior aos que há 300 anos lutaram para que ficasse unida ao nosso Brasil essa cidade tão nobre e tão pobre. Os holandeses poderão vir, e perguntar: "Muito bem, nós fomos expulsos há 300 anos; mas por falar em 300, sabeis, senhores, que 300 de vossos filhos morrem, em cada milhar, de miséria e de fome? Fomos chamados de exploradores do povo e herejes, e expulsos da terra; mas que bela cidade cristã vós levantastes aqui, oh guerreiros católicos! "Vosso céu é cheio de anjos; pudera! Só o Recife os fornece aos bandos, todo dia!"

O bom padre Antonio Vieira já desconfiava que Deus era bátavo; que pensem nisso os homens que desejam fazer um parque para crianças sem cuidar antes de salvar as crianças para os parques.

3/5/53

R. B.